

## O cotidiano de afeto e intolerância: política e catarse no Facebook<sup>1</sup>

Renata REZENDE<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, UFF -Niterói, RJ

**Resumo:** O artigo é parte de uma pesquisa ampliada sobre os usos das redes sociais digitais no cotidiano, particularmente sobre a catarse nessas redes de relacionamento, por meio da construção de narrativas que configuram e operam, em algum sentido, uma política de afetos, evidenciando, muitas vezes, a intolerância na relação com o outro. Tomamos o conceito de catarse a partir de Aristóteles, em uma releitura que inclui a liberação emocional não apenas dramática, mas que deriva de impressões marcadas pela intolerância na relação de alteridade. Nesse texto, apresentamos parte dos resultados de um questionário aplicado com usuários do Facebook sobre o uso dessa plataforma como espaço de catarse, no qual, na primeira interpretação de dados, evidenciamos a ambivalência da relação política com o outro.

**Palavras-chave:** Redes sociais; Cotidiano; Catarse; Política; Afeto;

### Introdução

O cenário do século XXI é tomado por espaços que intensificam fluxos de informações e de imagens, nas quais as relações são mediadas e os processos, os meios e as práticas cotidianas atravessados pela interferência dos dispositivos comunicacionais. As redes sociais<sup>3</sup> mobilizam cada vez mais usuários, que agregam informações, construindo-se e comunicando com outros atores, deixando vestígios que permitem o reconhecimento das formas de suas conexões, bem como o compartilhamento de uma gama de informações nessas plataformas.

Em textos anteriores, problematizamos que grande parte desse compartilhamento corresponde aos dramas cotidianos, lamentos do dia a dia, na medida em que os usuários utilizam os espaços das redes sociais digitais para compartilhar experiências que denominamos *narrativas catárticas* (REZENDE, 2014 e 2015), relatos cuja argumentação baseia-se no fato de que algumas emoções são liberadas por meio de uma descarga emocional provocada por uma situação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Multimídia/ GP Cibercultura do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Pós-Doutora em Comunicação e Cultura, Doutora em Comunicação e Mestre em Comunicação e Imagem. Pesquisadora dos grupos MULTIS (Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia) e COMC (Práticas Comunicacionais Contemporâneas). E-mail: [renatarezender@yahoo.com.br](mailto:renatarezender@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> O conceito de rede social pode ser compreendido a partir de Recuero (2009) que a define enquanto um conjunto de dois elementos, atores (pessoas, instituições, ou grupos que seriam os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).

dramática, expressa na opinião (texto) do ator (usuário da rede). Tais experiências referem-se a diferentes ocasiões: de tragédias pessoais (doença, acidentes, morte) a indignação por atos de corrupção, comentários contra crimes hediondos, manifestações contra diversas formas de preconceitos, entre outros.

Enquanto parte desse ciberespaço, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais que se realizam através de interações e pela constituição de laços nessas redes. Tais ligações, acreditamos, também se estabelecem a partir dessas *narrativas catárticas*, que moldam a característica da expressão pessoal nessa ambiência, configurando os usuários numa “construção e narração de si”, na medida em que compartilham tragédias, lamentações e/ou desabafos diários. É nesse contexto, que verificamos que muitos discursos refletem graus de intolerância na relação com o outro. A intolerância à alteridade, nesse sentido, pode ser compreendida como desejo de assegurar a coesão do idêntico a si, o que se opõe à proeminência absoluta do outro e que podemos relacionar ao conceito freudiano de *narcisismo das pequenas diferenças* (FREUD, 1976), ou seja, diferença *ex-tima*: o horror a intimidade quando tomada pelo eu enquanto objeto externo.

Há inúmeras relações entre os atores que configuram tais narrativas catárticas nas redes sociais, conforme demonstramos em trabalhos anteriores (REZENDE, 2014 E 2015). Nesse artigo, apresentamos uma síntese dos resultados da primeira parte dessa nova etapa da pesquisa, que consistiu na aplicação de um questionário com perguntas fechadas e abertas (elaborado na ferramenta *Google Docs*) e disponibilizado entre os dias 15 de janeiro e 04 de março de 2016, na rede social *Facebook*. Obtivemos mais de 500 respostas e, na primeira interpretação dos dados, evidenciamos a ambivalência da relação política (enquanto ética individual e construção coletiva), conforme detalhamos a seguir.

O principal objetivo da pesquisa é compreender os modos de construção de corpos políticos nas redes sociais contemporâneas, particularmente no *Facebook*, em seus “circuitos de afetos” (SAFATLE, 2015). É nesse sentido que nos apropriamos dos conceitos de *catarse* e *política* em Aristóteles (2003; 2009), acreditando que existem elementos que ecoam nos relatos das redes sociais como o *Facebook* que podem colaborar para a compreensão do cotidiano, esse ininterrupto processo de invenções e reinvenções onde o homem tece sua história (HELLER, 2008).

É importante, portanto, investigar as temáticas que envolvem os movimentos da vida social às questões subterrâneas e por vezes exageradas que revelam os dramas cotidianos, levando

em conta, como afirma Heller (2008, p.34), que “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”.

### **Redes de afetos e de intolerância**

Em um movimento de fusão da vida cotidiana com a tecnologia, evidencia-se a hibridização da *techné* com a *aisthesis*, numa conversão da vida em emoção. As tecnologias de informação, de comunicação e de imagem conduzem os sujeitos à afetação da experiência pela própria tecnologia, fazendo-os viver em configurações humanas do modo produtivo e em novas possibilidades de organização dos meios de produção, nas quais se exige uma dimensão que adentra mais o sensível que o racional (SODRÉ, 2006, p.13). Ou seja, a dimensão dessa era da imagem e de tecnologias onipresentes e sinestésicas insere o afeto (SPINOZA, 2009) no circuito das relações cotidianas e em redes de corpos políticos, as quais se estabelecem por atração ou por repulsa. É sobre esta perspectiva que objetivamos compreender a intolerância, a partir da relação entre afeto e política, desenhada no emaranhado narrativo nas redes de relações contemporâneas.

Segundo Maffesoli (2008, p.8), a ideia de emocionalidade leva ao sentido de atmosfera, na qual o elemento essencial relaciona-se às expressões históricas e, por isso mesmo, é da ordem dos afetos e não da racionalidade a elaboração do cotidiano contemporâneo. Para Maffesoli, a chave para se compreender a pós-modernidade é o aspecto pré-individual, o que ele denomina de “investigação de sentido” e, segundo o autor, tem consequências metodológicas importantes para se pensar as ciências sociais e, particularmente, o campo da comunicação atravessado, pois, de construção narrativas cotidianas. “Cada um de nós é o que é porque conta uma história, verdadeira ou falsa. Qualquer relação, seja de amizade, seja amorosa, só terá sentido quando qualquer um dos protagonistas contar tal história” (MAFFESOLI, 2008, p.5).

Tomamos o conceito de catarse a partir de Aristóteles, na qual a argumentação baseia-se no fato de que algumas emoções podem ser liberadas por meio de uma descarga emocional provocada por uma situação dramática. Na Grécia Antiga, a *catharsis* era compreendida como o despertar de *eleos* e *phobos*, respectivamente piedade e temor, em uma ação representativa que se daria na tragédia, enquanto processo de identificação, numa economia de afetos que resultaria em um estado de purificação do ser. Aristóteles (2003) considerava as tragédias clássicas do teatro grego como exemplos de purgação, de temor e de pesar.

Segundo Maffesoli (2008, p.8), “nosso modo de pensar é dramático, quer saibamos ou não” e relaciona-se na contemporaneidade a experiência desse tempo presente.

O político é dramático. [...]O drama, em outras palavras, é o modo de pensar oficial. Todo o resto é trágico, o que chamei de “instante eterno”. A palavra “trágica” é agórica, isto é, não tem (re) solução. Na concepção trágica, há uma integração da morte, um viver a morte todos os dias (homeopatização da existência). Não se procura uma eternidade, mas sim o presente e o gozo (MAFFESOLI, 2008, p.8).

As tramas abordam predominantemente o presente no qual o cotidiano é incorporado nos modos de viver, de pensar, de sofrer e de conviver com a realidade em transformação. Nesse sentido, utilizamos o conceito de afeto a partir das *estratégias sensíveis*, que, segundo Sodré (2006, p.10) são jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de afetação dos sujeitos no interior da linguagem. Afeto, nesse sentido, proveniente de *affectus* e *afectio*, conjunto de estados que atua na função psíquica chamada de afetividade, mas que também se refere ao exercício de uma ação, em particular, sobre a sensibilidade de determinado ator, que, necessariamente, é um ser vivo (SODRÉ, 2006, p.28-29). O autor afirma que a ação de afetar, no latim clássico, contém o significado de emoção, correspondente a *commuovere*, comportando um fenômeno afetivo que se define por um estado de choque ou de perturbação na consciência.

Nessa perspectiva, a ambiência do Facebook desenha laços afetivos, inclusive nomeadamente, na medida em que opera uma “rede de amizades”. A própria descrição da rede pressupõe o vínculo: “conecte-se com amigos e o mundo em torno de você no Facebook<sup>4</sup>”, bem como a ação para agregar pessoas, a qual se estabelece a partir de “solicitações de amizade”. Para Aristóteles (2014), a amizade é uma virtude necessária à vida e se relaciona ao compartilhamento da felicidade, pertencente a noção política que envolve a esfera coletiva na *pólis*. Segundo Aristóteles, para ser feliz, o homem necessita estabelecer relações mútuas, em que cada um “deseje o bem ao outro”. A amizade, segundo o filósofo grego, pressupõe a mutualidade, base para a constituição do princípio de alteridade e trata-se de uma virtude ou envolve a virtude, na medida em que constitui “uma das exigências mais imprescindíveis da vida” (ARISTÓTELES, 2014, p.289).

Para além dos homens políticos, a política está unida à moral, levando sua finalidade ao estado da virtude, ou seja, a formação moral dos cidadãos e o conjunto dos meios necessários para tais fins. Aristóteles (1973) considera o estado uma esfera moral, condição individual e fundamento essencial da suprema atividade contemplativa. A política, no entanto, se distingue da

---

<sup>4</sup> “Connect with friends and the world around you on Facebook”. Ver mais in: [www.facebook.com](http://www.facebook.com).

moral, porque sua relação ancora-se no indivíduo enquanto coletividade. A ética refere-se à doutrina moral individual, já a política é a doutrina moral social.

Ricoeur, a partir de Aristóteles, afirma que “segundo a ideia de mutualidade, cada um ama o outro como ele é [...]. Esse ‘como’ previne toda deriva egológica ulterior: ele é constitutivo de mutualidade (RICOEUR, 2014, p. 215). No entanto, quando se investiga mais profundamente as relações no ambiente das redes sociais como o Facebook verificamos que a mutualidade é gerida pelo limite do pensamento alheio, ou seja, o “amigo” não poderá permanecer como sendo “como ele é” – princípio da relação de amizade<sup>5</sup>, segundo Aristóteles (*apud* RICOEUR, 2014, p. 217). Desta forma, assim como acredita Ricoeur, não é possível vislumbrar um conceito aristotélico franco de alteridade, na medida em que “é a estima de si” que condiciona à “vida boa e a amizade”, enquanto relação mútua, representando um adicional à estima de si, ou seja, uma ideia de mutualidade entre sujeitos que estimam a si mesmos.

A partir da ideia de mutualidade, Ricoeur estabelece um diálogo com a filosofia da intersubjetividade, com objetivo de compreender o princípio de alteridade que valorize “o si mesmo como um outro” (2014).

Nesse contexto, acreditamos que as relações desenvolvidas no ambiente das redes sociais digitais se configuram principalmente como táticas estéticas porque comportam uma exaltação legitimada pela dimensão sensível apresentada por convicções que podem ser visões e perspectivas do mundo e posições marcadas sobre sentimentos e opiniões. Também são artifícios de discurso, recorrentes no passado, no âmbito do uso racionalista do afeto pela retórica, que se caracterizava como a arte da expressão e da persuasão, servindo para convencer, no sentido racionalista do termo o que, para Sodré (2006), indica seu aspecto afetivo ou irracional e, desta forma, serve para comunicar ideias e emoções, produzindo sensações, mas demarcando e afirmando convicções “de si e do outro” sobre variadas temáticas.

Os espaços indicam a constituição de uma espécie de *locus* de atualização dos afetos, nem sempre manifestos em outras instâncias do contexto social, mas que indicam proporções ampliadas e em alta velocidade na ambiência das redes sociais. É como se os sujeitos encontrassem naquele espaço um local para despejar suas “lamentações cotidianas” e, por vezes, exigir do outro a mesma opinião/posição, marcando graus de intolerância na condição do que é diferente da “perspectiva de si”.

A situação enunciativa que se estabelece indica não dar conta de uma racionalidade narrativa, nem a partir de lógicas argumentativas da comunicação, mas ocorre nesse “circuito de afetos”, que se referem “aos jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos” nessa rede (SODRÉ, 2006, p.10).

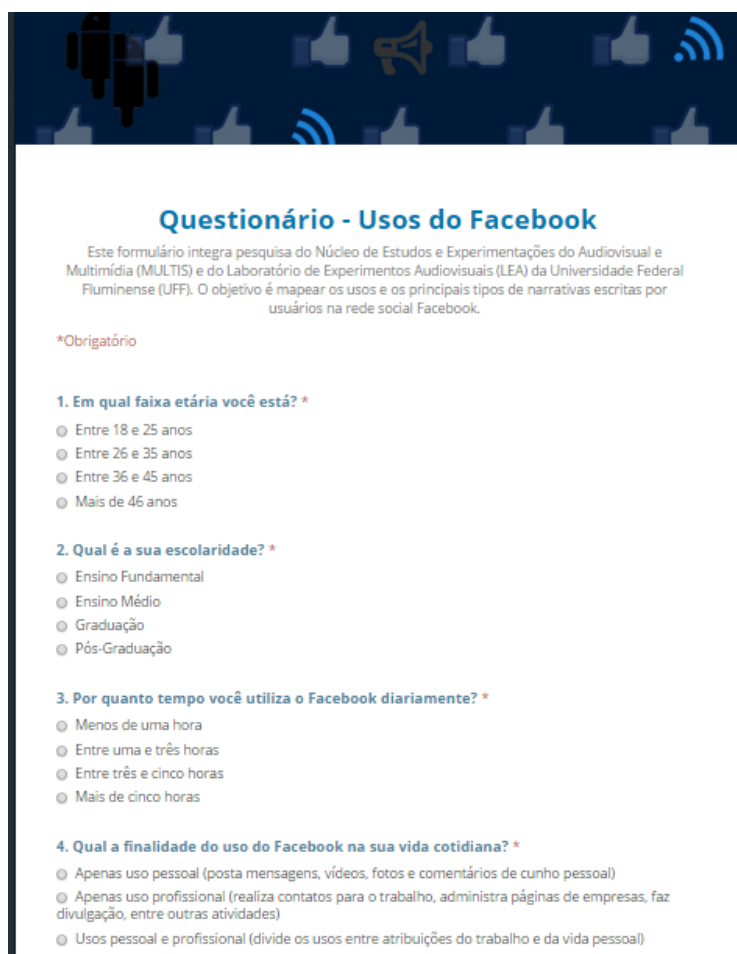
## A pesquisa

Conforme supracitado, nesse recorte, apresentamos os resultados de um questionário (figura 1) realizado com usuários do *Facebook*, com objetivo de verificar se os mesmos se reconhecem enquanto sujeitos que produzem *narrativas catárticas*, por meio dos tipos de textos publicados nessa rede social; se houve arrependimento por algum “desabafo” realizado nessa plataforma, além de tentar compreender como se estabelece a relação de alteridade (se o usuário percebe se os amigos da sua rede costumam fazer desabafos e/ou reclamações, sobre quais assuntos, entre outros aspectos).

O questionário foi realizado no sistema *Google Docs* e ficou disponível para respostas do dia 15 de janeiro ao dia 04 de março de 2016, totalizando 50 dias. A divulgação ocorreu através dos perfis no Facebook da pesquisadora (autora) e do bolsista do LEA/MULTIS<sup>6</sup>, além da página do laboratório. Desta forma, vale ressaltar que os resultados apresentados pertencem a um escopo, na medida em que o próprio conceito de rede social leva em conta os atores sociais e suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24). “A análise de redes sociais é, inerentemente, uma empreitada interdisciplinar. Seus conceitos foram desenvolvidos por um propício encontro da teoria social e da aplicação da matemática formal, da estatística e dos métodos computacionais” (WASSERMAN e FAUST, apud FRAGOSO, 2013, p.115). Nesse contexto, ressaltamos que nessa pesquisa, a metodologia foi construída levando em conta os estudos das estruturas decorrentes das ações e das interações entre os atores dessas redes. Há que se considerar, como acredita Maffesoli (2008, p.5), que “a relação íntima dos objetos se realiza na relação íntima da vida cotidiana”, e desta forma, envolve o pesquisador. As questões estão subscritas abaixo (ver tabela 1).

---

<sup>6</sup> André Borba, bolsista de Iniciação Científica do LEA/MULTIS – Laboratório de Experimentos Audiovisuais e Multimídia, coordenado pela autora.



**Questionário - Usos do Facebook**

Este formulário integra pesquisa do Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia (MULTIS) e do Laboratório de Experimentos Audiovisuais (LEA) da Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo é mapear os usos e os principais tipos de narrativas escritas por usuários na rede social Facebook.

\*Obrigatório

**1. Em qual faixa etária você está? \***

- Entre 18 e 25 anos
- Entre 26 e 35 anos
- Entre 36 e 45 anos
- Mais de 46 anos

**2. Qual é a sua escolaridade? \***

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Graduação
- Pós-Graduação

**3. Por quanto tempo você utiliza o Facebook diariamente? \***

- Menos de uma hora
- Entre uma e três horas
- Entre três e cinco horas
- Mais de cinco horas

**4. Qual a finalidade do uso do Facebook na sua vida cotidiana? \***

- Apenas uso pessoal (posta mensagens, vídeos, fotos e comentários de cunho pessoal)
- Apenas uso profissional (realiza contatos para o trabalho, administra páginas de empresas, faz divulgação, entre outras atividades)
- Usos pessoal e profissional (divide os usos entre atribuições do trabalho e da vida pessoal)

**Figura 1 – Print de trecho da página da pesquisa**

|  |   |
|--|---|
| 1. Em qual faixa etária você está?                             | O objetivo era traçar o perfil das pessoas que responderam ao formulário. As opções eram: Entre 18 e 25 anos; entre 26 e 35 anos; entre 36 e 45 anos; e mais de 46 anos.  |
| 2. Qual é a sua escolaridade?                                  | A pergunta complementa as informações sobre as características de quem respondeu. Eram opções disponíveis: Ensino Fundamental; Ensino Médio; Graduação; e Pós-Graduação.  |
| 3. Por quanto tempo você utiliza o Facebook diariamente?       | Também era interessante saber o tempo dedicado pelo usuário à navegação no site em questão. As alternativas compreendiam: menos de uma hora; entre uma e três horas; entre três e cinco horas; e mais de cinco horas.   |
| 4. Qual a finalidade do uso do Facebook na sua vida cotidiana? | Atualmente, muitas pessoas utilizam o site de rede social para promover empresas, divulgar trabalhos e outras atividades envolvendo o campo profissional. Por isso, era relevante saber o objetivo que os usuários utilizam o Facebook. Era possível optar: apenas uso pessoal; apenas uso profissional; e usos pessoal e profissional. |
| 5. O que você mais faz no Facebook?                            | Era necessário entender as principais atividades do usuário. Entre as alternativas: Posta textos na <i>timeline</i> ; posta vídeos e/ou fotos na <i>timeline</i> ; curte posts de amigos; compartilha posts de amigos; e participa de grupos de discussão.  |
| 6. Você utiliza o Facebook para reclamações ou desabafo?       | Gostaríamos de saber se o usuário se reconhece enquanto produtor de conteúdo catártico. As opções de resposta eram 'sim' e 'não'.   |
| 7. Que tipo de desabafo ou reclamação você costuma fazer?      | Se o usuário tivesse respondido 'sim' à questão anterior, ele deveria apontar os tipos de desabafo ou reclamações que ele mais escreve: De cunho pessoal; de cunho profissional; de cunho político; de cunho religioso; sobre empresas ou prestação de serviços; e opção 'outro', em que o usuário poderia acrescentar outra tipologia. |

|  |   |
|--|---|
| 8. Você já se arrependeu de ter escrito algum desabafo ou reclamação no <i>Facebook</i> ?                          | Era objetivo perguntar se houve algum arrependimento depois de ter escrito. As alternativas eram ‘sim’ e ‘não’.   |
| 9. Por que se arrependeu?  | Se o usuário respondeu ‘sim’ à pergunta anterior, ele deveria descrever livremente os motivos que o fizeram se arrepender de ter feito aquela postagem.   |
| 10. Você costuma observar reclamações e/ou desabafos de seus amigos no <i>Facebook</i> ?                           | O objetivo era saber se o usuário percebe as marcas desse tipo de narrativa como algo recorrente na rede social, mas na perspectiva do outro. As opções eram ‘sim’ e ‘não’.   |
| 11. Que tipos de desabafos ou reclamações os seus amigos costumam fazer?   | Se o usuário tivesse respondido ‘sim’ à questão anterior, ele deveria apontar os tipos de desabafos ou reclamações que ele mais observa na relação com o outro: De cunho pessoal; de cunho profissional; de cunho político; de cunho religioso; sobre empresas ou prestação de serviços; e opção ‘outro’, em que o usuário poderia acrescentar outra tipologia. |
| 12. Você já excluiu alguém de sua rede de amigos por causa de alguma reclamação e/ou desabafo que não lhe agradou? | Nessa questão, a intenção era entender as relações de tolerância entre os usuários da mesma rede de amigos. As opções eram ‘sim’ e ‘não’.   |

**Tabela 1 - Perguntas do questionário**

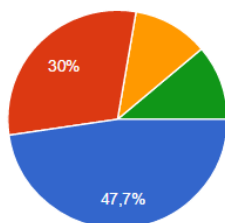
## Síntese dos resultados

No total, obtivemos 556 respostas. Conforme é possível verificar na tabela 1, demarcamos o tipo do perfil pela faixa-etária e escolaridade, sem preocupação com o gênero, pois a intenção se focou nos usos dessas redes de relações. Desta forma, a maioria dos respondentes (47,7%) tem idade entre 18 e 25 anos (conjunto de gráficos 1), o que corresponde à faixa-etária da Pesquisa Brasileira de Consumo de Mídia<sup>7</sup>, no item sobre consumo de redes sociais digitais, realizada pelo Governo Federal, em 2015. A maioria (50,7%) marcou graduação como escolaridade, o que indica, conforme situamos anteriormente, que se trata de um escopo, na medida da própria distribuição da pesquisa, por meio das redes da autora, que é professora universitária, e dos demais pesquisadores do laboratório.

<sup>7</sup> Ver mais in: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

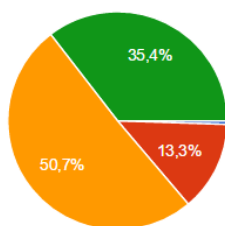


### 1. Em qual faixa etária você está?



|                    |     |       |
|--------------------|-----|-------|
| Entre 18 e 25 anos | 265 | 47.7% |
| Entre 26 e 35 anos | 167 | 30%   |
| Entre 36 e 45 anos | 62  | 11.2% |
| Mais de 46 anos    | 62  | 11.2% |

### 2. Qual é a sua escolaridade?

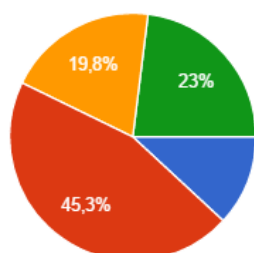


|                    |     |       |
|--------------------|-----|-------|
| Ensino Fundamental | 3   | 0.5%  |
| Ensino Médio       | 74  | 13.3% |
| Graduação          | 282 | 50.7% |
| Pós-Graduação      | 197 | 35.4% |

### Conjunto de gráficos 1 – Perfil do respondente

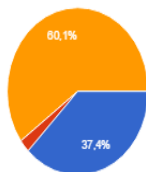
Sobre o uso da rede *Facebook*, a maior parte dos respondentes (45,3%) afirmou que costuma ficar entre 1 e 3 horas na rede, dado também correspondente com a Pesquisa Brasileira de Mídia, citada anteriormente. Sobre a finalidade do *Facebook* na vida cotidiana, a maioria (60,1%) respondeu que divide o uso entre as esferas pessoal e profissional, como é possível visualizar no conjunto de gráficos 2.

### 3. Por quanto tempo você utiliza o Facebook diariamente?



|                          |     |       |
|--------------------------|-----|-------|
| Menos de uma hora        | 66  | 11.9% |
| Entre uma e três horas   | 252 | 45.3% |
| Entre três e cinco horas | 110 | 19.8% |
| Mais de cinco horas      | 128 | 23%   |

4. Qual a finalidade do uso do Facebook na sua vida cotidiana?



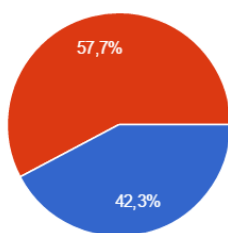
|   |     |       |
|---|-----|-------|
| Apenas uso pessoal (posta mensagens, vídeos, fotos e comentários de cunho pessoal)  | 208 | 37,4% |
| Apenas uso profissional (realiza contatos para o trabalho, administra páginas de empresas, faz divulgação, entre outras atividades) | 14  | 2,5%  |
| Usos pessoal e profissional (divide os usos entre atribuições do trabalho e da vida pessoal)  | 334 | 60,1% |

**Conjunto de gráficos 2 – Uso do Facebook**

Na questão seguinte, número 5<sup>8</sup>, sobre o que o usuário mais faz no Facebook, a maior parte dos respondentes afirmou, pela frequência, que “curte posts de amigos”.

Sobre a questão principal de nossa pesquisa (6), se o usuário afirma utilizar o Facebook para reclamações e/ou desabafos, 57,7% afirmam que não. No entanto, quando perguntado se costumam observar reclamações e/ou desabafos dos amigos na rede (questão 10), 92,6% afirmam que sim (conjunto de gráficos 3). Podemos inferir que há dificuldade ou recusa dos usuários se admitirem como também produtores desses enunciados. Há uma delegação dessa subjetividade narradora de histórias catárticas ao outro.

6. Você utiliza o Facebook para reclamações e/ou desabafos?



|     |     |       |
|-----|-----|-------|
| Sim | 235 | 42,3% |
| Não | 321 | 57,7% |

<sup>8</sup> Não detalhamos o conjunto de gráficos 5 nesse artigo, devido ao espaço e ao recorte da problematização.

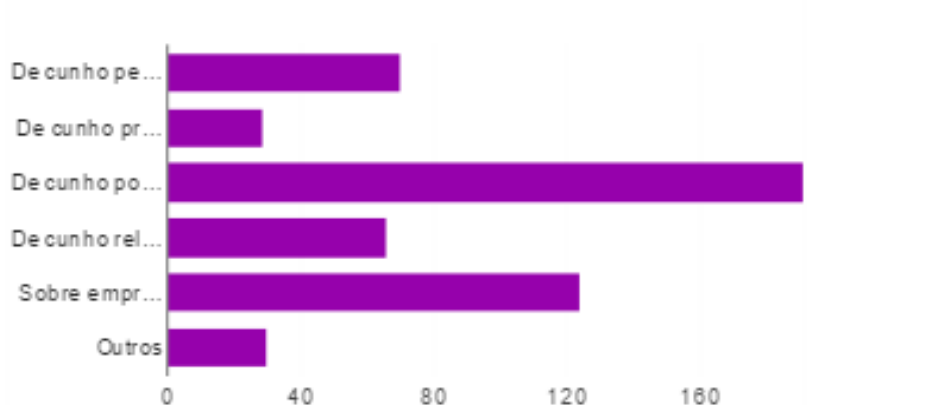
**10. Você costuma observar reclamações e/ou de desabafos de seus amigos no Facebook?**



**Conjunto de gráficos 3**

Entre as reclamações mais comuns, as de cunho político são as mais citadas na comparação com as demais tipologias. Desabafos sobre o cenário político do país, atuação de líderes governamentais, corrupção e conservadorismo no Parlamento são escritos por 74,9% dos usuários no *Facebook*. Resultado mais acentuado é obtido quando perguntado sobre o tipo de reclamação que os usuários mais observam nas postagens dos amigos. A opção de cunho político salta para 90,1% (conjunto de gráficos 4).

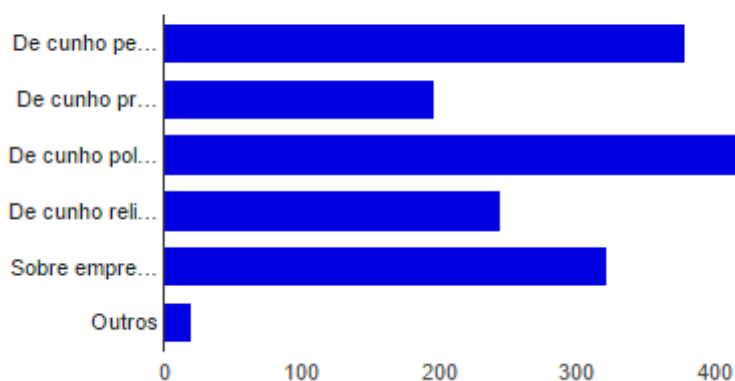
**7. Que tipo de desabafo ou reclamação você costuma fazer?**



|  |            |       |
|--|------------|-------|
| De cunho pessoal - reclamações sobre família, amizade, relacionamentos amorosos, relações cotidianas, entre outras   | <b>70</b>  | 27,5% |
| De cunho profissional - reclamações sobre o emprego, colegas de trabalho, ambiente profissional, salário, entre outras                                       | <b>29</b>  | 11,4% |
| De cunho político - reclamações sobre o cenário político do país, atuação dos líderes governamentais; corrupção, conservadorismo no Parlamento, entre outras | <b>191</b> | 74,9% |

|   |                  |
|---|------------------|
| De cunho religioso - reclamações sobre religião ou intolerância religiosa   | <b>66</b> 26.9%  |
| Sobre empresas e prestação de serviços - reclamações sobre produtos e/ou prestações de serviços de empresas, comércio etc | <b>124</b> 48.6% |
| Outros  | <b>30</b> 11.8%  |

### 11. Que tipos de desabafos/reclamações os seus amigos costumam fazer?



|  |                  |
|--|------------------|
| De cunho pessoal - reclamações sobre família, amizade, relacionamentos amorosos, relações cotidianas, entre outras   | <b>383</b> 73.2% |
| De cunho profissional - reclamações sobre o emprego, colegas de trabalho, ambiente profissional, salário, entre outras                                       | <b>197</b> 37.7% |
| De cunho político - reclamações sobre o cenário político do país, atuação dos líderes governamentais; corrupção, conservadorismo no Parlamento, entre outras | <b>471</b> 90.1% |
| De cunho religioso - reclamações sobre religião ou intolerância religiosa  | <b>247</b> 47.2% |
| Sobre empresas e prestação de serviços - reclamações sobre produtos e/ou prestações de serviços de empresas, comércio etc                                    | <b>327</b> 62.5% |
| Outros   | <b>21</b> 4.0%   |

#### Conjunto de Gráficos 1

Sobre o arrependimento de reclamações no *Facebook*, quase 20% afirma que sim, enquanto 80% diz que não se arrepende de nenhum desabafo na rede (gráfico 5).

**8. Você já se arrependeu de ter escrito algum desabafo/reclamação no Facebook?**



**Gráfico 5**

Outro dado interessante diz respeito à exclusão de amigos na rede pela manifestação de alguma reclamação que não lhe agradou. 61% das respostas indicaram que sim, já excluíram amigos de sua rede (gráfico 6). Podemos inferir, dessa maneira, que, assim como há um reconhecimento do outro como produtor de “narrativas catárticas”, também há um grau de intolerância nessa relação estabelecida.

**12. Você já excluiu alguém de sua rede de amigos por causa de alguma reclamação e/ou desabafo que não lhe agradou?**



**Gráfico 6**

**Considerações**

A interpretação das respostas do formulário ainda não é conclusiva, porque nem todos os gráficos foram analisados de forma aprofundada e, conforme supracitado, se trata de uma síntese de resultados preliminares que são significantes para identificar comportamentos dos usuários das redes. Percebemos que faz sentido que as narrativas catárticas tenham a ver com questões relacionadas à política, tendo em vista o momento que o Brasil atravessa, nos quais temas como

Operação Lava Jato<sup>9</sup>, *impeachment*, mudança de governo, entre outros assuntos marquem a pauta do país dentro e fora das redes.

Também consideramos interessante que a maior parte dos usuários não se identifique enquanto sujeitos que realizem catarse nas redes, mas a maioria diga que lê esses textos porque seus amigos postaram. Tal relação chama atenção: “o dedo em riste aponta para o Outro”.

Acreditamos que a leitura da alteridade que reverbera narrativas catárticas incorpora elementos enraizados na experiência individual, dentro de um campo de operações singulares, mas que oferecem reconhecimento e demarcações fechadas, tal e qual produzem para os demais atores que compartilham suas opiniões na rede. A estratégia configura-se, segundo Sodré (2006, p. 11) como “*eustochia*, clássica designação grega para a mirada justa sobre uma situação problemática, convocada pela potência sensível do sujeito”. Trata-se de um afeto que irrompe num aqui e agora, ou seja, são experiências sensíveis que podem ser orientadas por estratégias espontâneas de ajustamento ou situações interativas, mas atravessadas pelo afeto enquanto afetividade (conjunto de fenômenos psíquicos experimentados na forma de emoções e de sentimentos), e afetação (*affectedio* - exageração de sentimentos, e também vaidade, pedantismo, presunção). Sentido que passou a atuar em termos de influência ou poder na construção da realidade social, moldando percepções, significações, costumes, opiniões, produzindo efeitos sociais.

Na contemporaneidade, a vida é articulada pelas conexões midiáticas e a existência é crescentemente mobilizada pelos conteúdos que circulam no sistema da comunicação de redes sociais digitais as quais participam, cada vez mais, do regime de opinião dos sujeitos, como demonstramos, inclusive, em artigos anteriores<sup>10</sup>.

Torna-se importante observar na ambiência da rede, as situações enunciativas de polarização e intolerância manifestas nas narrativas que desenvolvem a catarse numa espécie de gozo de si e ojeriza ao outro. Há estudos<sup>11</sup> que apontam que os usuários de redes sociais criam bolhas de convivência, uma espécie de “grade de proteção” às verborragias adversas, às opiniões divergentes. Nesse sentido, a ampliação das expressões culturais, sociais, religiosas, entre outras, enquanto políticas estabelecidas no espaço digital parecem colidir com as posições demarcadas ao pensamento fechado e, muitas vezes, extremo de alguns usuários que “decretam a exclusão do outro” como alternativa à manutenção da tranquilidade na rede.

<sup>9</sup> Trata-se de uma investigação da Polícia Federal Brasileira, iniciada em 2014, para apurar esquemas de corrupção na empresa Petrobras que teriam tido participação de diversos partidos políticos e beneficiado grandes conglomerados empresariais.

<sup>10</sup> REZENDE, Renata. MARTINUZZO, José. A opinião nas redes sociais: a problemática da intolerância e a catarse no Facebook. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

<sup>11</sup> Segundo pesquisa realizada pelos cientistas sociais do Facebook, publicada na revista *Science*, o próprio algoritmo do sistema filtra o que é mostrado aos usuários para fornecer apenas o que lhe agrada no ambiente da rede. No entanto, segundo a pesquisa, os próprios usuários são responsáveis por se fecharem em suas próprias ideias e reduzirem a diversidade ideológica das páginas. Ver mais in: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202\\_446201.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202_446201.html). Acesso em: 05/06/2015.

Tornou-se possível perceber a presença do outro no ambiente virtual, permitindo, inclusive, a criação de espaços de sociabilidade. No entanto, há que se problematizar também esse espaço como território de intransigência à alteridade, às opiniões, crenças, atitudes, modos de ser reprovados ou julgados como falsos.

Nesse sentido, esse artigo apresenta uma primeira síntese dessa nova etapa da pesquisa sobre a configuração da catarse nas redes sociais contemporâneas. Na próxima etapa da pesquisa, objetivamos realizar um estudo qualitativo mais aprofundado, por meio da análise narrativa dos relatos, sobre a articulação entre afetos e corpo político na ambiência das redes sociais, levando em consideração que “as metáforas do corpo político não descrevem apenas uma procura de coesão social orgânica” (SAFATLE, 2015, p.23), mas denotam a natureza do circuito de afetos que produzem, mobilizam e sustentam tais adesões sociais. Nossa maior contribuição, acreditamos, é problematizar o contexto das práticas comunicacionais cotidianas, atreladas ao desenvolvimento de novos regimes de processamento de informação e atuação política. Portanto, reforçar a importância da tecnologia e da mídia nos estudos sobre o comportamento da sociedade contemporânea e refletir acerca de como os novos espaços tecnológicos são apropriados no cotidiano, em práticas atravessadas pelos meios de comunicação. Trabalhar com as práticas sociais cotidianas implica lançar um olhar sobre a relação do usuário com os meios (redes) onde é engendrado, o que supõe uma participação tanto da cultura quanto das instituições midiáticas como sujeitos históricos, igualmente participantes da construção de um saber que é produto de ingerências múltiplas.

O cotidiano dentro e fora da rede se reinventa, hoje, pelas práticas comunicacionais e tecnologias correlatas, no ritmo das demandas, dos sonhos, dos projetos e necessidades que são, inclusive, moldados e mobilizados pelas opiniões, cada vez mais mediatizadas. Por sua importância no universo das interações, o território informacional se tornou uma dimensão relevante da vida como um todo, somando suas experiências comunicacionais às vivências sensíveis ou presenciais, constituindo uma sociabilidade peculiar no século XXI, mas não apartada de dilemas, problemas, desafios e idiosincrasias humanas datadas de seu tempo e espaço.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Retórica das Paixões**. Introdução, notas e tradução do grego: Isis Borges B. Da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Política**. Bauru, São Paulo: Edipro, 2014.
- FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2013.
- MAFFESOLI, Michel. **A terra fértil do cotidiano**. Revista Famecos, n.36. Porto Alegre, 2008.

- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.
- REZENDE, Renata. **A catarse cotidiana: performances dramáticas no Facebook**. Revista Culturas Midiáticas, v. 7, p. 1-15-15, 2014.
- REZENDE, Renata. **Política e afeto no tempo das redes - ou a catarse coletiva: uma análise da Mídia Ninja**. Revista Ação Midiática. n.10, p.223-242, 2015.
- RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, Vozes, 2006.
- SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.